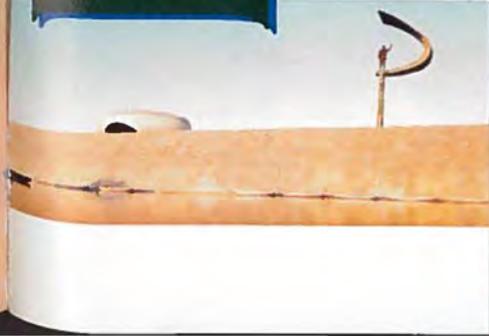
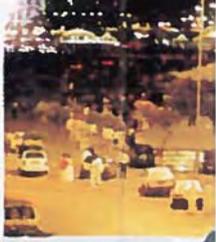


CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP AC/CÂMARA LEGISLATIVA
IMPRESSO

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA
ANO VI Nº 70/74
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Brasília



Clube
do
Choro
de Brasília
É demais!!!



Músicos e compositores importantes como Hermeto Pascoal garantem a alegria dos chorões nas noites do Clube do Choro

□ ANA LÚCIA MOURA

Especial para a DF Letras

A situação não podia dar em outra coisa que não fosse choro. Muito choro. A turma se reunia no antigo vestiário do Centro de Convenções, no centro de Brasília. Pias, vasos sanitários e chuveiros de banho instalados no espaço, sem falar na sujeira, eram de fato motivo de choradeira.

Mas não eram as atrações do lugar. Curioso mesmo era a turma, os chorões. Um monte de chorões. Todos em coro. Cada um com seu instrumento. Pandeiro, cavaquinho, bandolim, violão e mais uma infinidade de batusques. Mesas e cadeiras eram poucas. Para comportar todos os convidados que iam assistir aos concertos improvisados, melhor mesmo era se apoiar nos objetos de decoração do vestiário. A tradicional cervejinha era o complemento mais importante para alegrar e aliviar, principalmente frente ao calor que fazia no local.

E eram muitos os interessados em ouvir o resultado daquela mistura de instrumentos. Pudera! Era som da melhor qualidade. O velho choro. E os artistas, uns 10 ou 20, dependendo do dia, não deixavam a desejar.

Foi assim que começou o Clube do Choro. Hoje, o antigo vestiário, o subterrâneo de um coreto, está totalmente reformado e ampliado. Foi transformado em uma casa de espetáculos muito aconchegante, uma das mais conhecidas do Brasil na categoria do choro.



Casa lotada

De formato arredondado, com um palco bem localizado e mesas distribuídas por todo o espaço restante, o clube tem capacidade para 400 pessoas, sentadas e em pé. Oferece também serviço de bar, com direito a garçom.

Com essa estrutura, recebe todas as semanas diferentes artistas da música popular brasileira, conhecidos em todo o país. Hermeto Pascoal, João Donato, Guinga, Altamiro Carrilho, Armando Macedo, Ivanildo Sax de Ouro, Hélio Delmiro e Hamilton de Holanda são apenas alguns nomes que já passaram pela casa.

O público delira. E o resultado é sempre o mesmo: casa lotada. Para conseguir ingresso para os shows, que ficam em cartaz das quartas às sextas-feiras, ininterruptamente, é preciso reservar com alguns dias de antecedência. O resultado, no entanto, vale o esforço. É difícil sair do Clube do Choro insatisfeito.

"Fico sempre anestesiado. Freqüento o clube há quase um ano e nunca assisti um espetáculo que merecesse nota inferior a 10", relata Márcio Silva, 25 anos. Recém-formado em comunicação social, ele conta que até algum tempo só curtia *rock and roll* nas festinhas universitárias. Conheceu o Clube do Choro por influência da namorada, estudante da Escola de Música de Brasília. Virou freqüentador.

Márcio faz parte da turma de jovens que descobriram o Clube do Choro nos últimos anos. Os freqüentadores mais assíduos são ainda aqueles com mais de 40 anos, a velha guarda de Brasília, os amigos e conhecidos da turma de chorões.

Choro antigo

Os encontros da turma no antigo vestiário começaram em 1977. A iniciativa foi de Pernambuco do Pandeiro, um dos músicos do grupo, de grande popularidade na época. Ele conseguiu organizar uma



Alunos da Escola de Choro Raphael Rabelo aproveitaram os shows do Clube do Choro para mostrar ao público o que estão aprendendo

apresentação dos chorões para o então governador Elmo Serejo. O grupo já vinha tocando de improviso há algum tempo no Teatro da Escola

Parque de Brasília, lotando a apertada salinha.

Empolgado com a qualidade da apresentação e dos artistas, o

Aprendendo a chorar

Há tanto choro em Brasília, que a idéia de abrir uma escola para estimular a formação de novos chorões não poderia ser mais bem-vinda.

Criada pelos representantes mais antigos do Clube do Choro, o violonista Raphael Rabelo, os jornalistas Ruy Fabiano e Carlos Henrique dos Santos, além do próprio presidente do clube, Henrique Filho, ou melhor, Reco do Bandolim, a escola é a primeira e única no Brasil a ensinar a tocar choro.

Localizada no subsolo do Centro de Convenções, ao lado do Clube do Choro, em um espaço cedido pela Secretaria de Turismo, foi inaugurada no início de 1998. Os idealizadores da escola apresentaram o projeto ao Ministério da Cultura para credenciamento junto à Lei do Mecenato, de incentivo à cultura, e a busca de recursos das empresas.

Denominada Escola de Choro

Raphael Rabelo, em homenagem ao mestre de violão de sete cordas, a escola começou graças ao apoio da Telebrasil, que investiu aproximadamente R\$ 200 mil em equipamentos, como instrumentos musicais, computadores e material didático. "É um incentivo que está tendo repercussão no país inteiro. Tem gente ligando de todos os lugares querendo saber como funciona", conta Reco.

Quando as portas da escola foram abertas pela primeira vez, a expectativa dos criadores era de 50 matrículas, mas o número foi muito superior, com 92 alunos matriculados e mais 200 na fila de espera. Este ano, a escola está com 410 alunos e 800 esperando vagas, todos com idades entre 12 e 80 anos.

O quadro de oito professores é formado pelos músicos Alencar Soares, violão de sete cordas; Hamilton de Holanda, Rogério Caetano e Jorge Cardoso, cavaquinho; Fernando Machado, clarineta/saxofone; Marcelo Sena, pandeiro; Ariadne, flauta; e Everaldo Pinheiro, violão de seis cordas. O método didático utilizado foi criado

governador cedeu aos músicos o espaço do vestiário, que não estava sendo utilizado pelo Centro de Convenções.

Ensaios e shows da turma foram então transferidos para a nova sede. Era a oficialização do Clube do Choro. Naquela ocasião, os chorões criaram o estatuto do clube, que está em vigor até hoje. Elegeram também um presidente, o músico Avena de Castro, da cítara.

O choro começou a ficar mais sério. É que, do início da década de 70 até aquela data, os encontros aconteciam informalmente no apartamento da professora e flautista Odette Ernest Dias. Os músicos eram funcionários públicos transferidos de outras capitais para trabalhar em Brasília, a maioria vinda do Rio de Janeiro.



Pixinguinha foi um dos homenageados pelo Clube do Choro, que promoveu uma série de shows com intérpretes de todo o Brasil

então manter a tradição de tocar toda semana, embora as apresentações fossem ainda eventuais.

A pianista Neusa França, o violonista Hamilton Costa, o ex-integrante da orquestra de Fon Fon do Rio de Janeiro, Tio João, o pandeirista Manoel Vasconcelos, Francisco de Assis Carvalho da Silva, conhecido como Six, Alcebíades Moreira e Bide da Flauta, estes dois últimos

falecidos, são alguns dos músicos daquela época.

Outro grande destaque foi Waldir Azevedo, que chegou a Brasília anônimo, após a morte da filha, mas foi uma figura importante para o fortalecimento do choro na cidade. "O Clube do Choro é uma grande família", ressalta Carlos Henrique dos Santos, um dos representantes do clube em Brasília.

A conquista de um local permanente para os ensaios e shows deu impulso para o fortalecimento do grupo, embora a turma tenha abandonado temporariamente o local algumas vezes, devido aos roubos freqüentes de instrumentos.

A consolidação do Clube do Choro como uma casa de espetáculos veio mesmo com a reforma, iniciada em dezembro de 1996 e concluída em abril de 1997, quando foi entregue oficialmente aos chorões pelo Governo do Distrito Federal (GDF).

A iniciativa foi do presidente do clube, Henrique Filho, conhecido como Reco do Bandolim desde os tempos do exército. Ele tomou posse em junho de 1995 e decidiu mudar os rumos da casa. "Era uma esculhambação terrível", define.

No trabalho, eles foram se conhecendo, a amizade foi se firmando e a saudade das rodas de chorinho foi apertando. Decidiram

pelo maestro carioca Maurício Carrilho.

Além de tocar o choro, os alunos recebem aulas de harmonia e teoria musical.

Na turma de alunos dele, todos são unânimes em afirmar que a escola de choro é nota 10. "É uma instituição fundamental para que os músicos possam repassar às outras gerações o que eles aprenderam no passado", afirma Luís Silva Barros, 22 anos, estudante de economia da Universidade de Brasília e de violão nas horas vagas.

Depois de morar três anos nos Estados Unidos e dois na Bolívia, ele não quer mais saber de ficar longe da música brasileira. "É um som riquíssimo. Não há no mundo nenhum outro igual", enfatiza.

Também acontece de alguns acabarem indo para a Escola de Choro Raphael Rabello por falta de grandes opções de escolas de música em Brasília. "Para mim, foi um acaso. Se eu disser que ainda não sei o que é choro, não estou exagerando", revela Carlos Estevão, 21 anos, outro aluno da escola.

Reco do Bandolim comemora as

palavras do estudante. "Ainda bem que existimos, senão garotos como ele possivelmente nunca teriam contato com esse tipo de música", justifica.

Para Reco, a iniciativa de criar a escola chegou mais que na hora. "Se nos Estados Unidos existem escolas de jazz, por que não termos a nossa escola de choro?", indaga. "No Brasil devia ter escola de choro, de música nordestina e muitas outras. Por que não? Os meninos que vão para as escolas de música saem tocando oboé e até trompa. Por que não saem tocando o cavaquinho de Waldir?", concluiu.

S E R V I Ç O

A Escola de Choro Raphael Rabello fica no Centro de Convenções, no Setor de Diversões de Brasília, em frente ao Clube do Choro. As aulas acontecem todos os dias. Bandolim, violão, cavaquinho, clarineta/saxofone e pandeiro são as opções oferecidas. A mensalidade é R\$ 40,00. Inscrições para novas turmas, no Clube do Choro, das 10 às 12h e das 14 às 18h. Informações pelo telefone 225-2761.



"Percebi que precisávamos profissionalizar aqueles encontros, criando uma casa com condições de receber vários músicos, pagando cachê com dignidade e divulgando o trabalho dos chorões da nossa cidade".

O estopim para a decisão de Reco foi a ameaça de despejo pelo próprio GDF. É que além de alguns grupos estarem pleiteando o lugar, o sistema hidráulico estourou e o esgoto alagou todo o clube. "Decidi que eu ia reverter tudo aquilo. O músico de maneira geral não tem muita paciência para papelada e burocracia, mas cai de cabeça naqueles formulários terríveis do GDF. Saí pedindo para o governo e todo mundo a chance de manter o clube", explica.

Para isso, foi preciso legalizar a entidade junto à Terracap, conseguir o aval de Oscar Niemeyer, autor da obra original, para ampliar e reformar a construção. O projeto foi feito pelo arquiteto Fernando Andrade, o Capacete, homem de confiança de Niemeyer, com a colaboração do Dr.

Conrado, professor de Acústica da Universidade de Brasília.

Mal sabia Reco que sua habilidade de executivo, até então desconhecida por ele mesmo, daria ao negócio as dimensões que têm hoje. Tanto é que, para atender a demanda de músicos interessados em tocar no clube e de frequentadores disputando ingressos, foi preciso montar um escritório de produção, localizado em uma das sobrelas do Garvey Park Hotel, no Setor Hoteleiro Norte, em Brasília.

É tamanha a fama, que Reco e os representantes mais antigos do clube cogitam a idéia de abrir em outro local de Brasília uma casa mais ampla, com as mesmas características, porém com capacidade para até mil pessoas. Mas há quem conteste. "Os mais apaixonados têm medo que o clube se descaracterize", afirma Reco.

Enquanto a decisão não vem, o sucesso continua abençoado por vários músicos de todo o Brasil. Muitos estão sempre esperando um convite para tocar no local. O compositor carioca Guinga é um

deles. Embora tenha tocado três vezes no clube, ele afirma querer voltar o mais breve possível.

"O Clube do Choro é hoje um dos espaços mais dignos da música brasileira. Não tem compromissos com a música comercial. Leva quem realmente tem talento. Me sinto tão à vontade tocando lá, que é como se estendessem a varanda da minha casa até Brasília", diz ele.

S E R V I Ç O

O Clube do Choro fica no Eixo Monumental, entre o Centro de Convenções e o Planetário. Os shows acontecem todas as semanas, de quarta a sexta-feira, sempre a partir das 21h. Aos sábados, músicos locais e estudantes da Escola de Choro Raphael Rabello se apresentam. O ingresso custa R\$ 10,00 (valor de março deste ano). A produção do clube recomenda fazer as reservas com uma semana de antecedência pelo telefone (0xx61) 327-0494, com Patrícia ou Heloísa.

Clube do Choro abre alas para Chiquinha Gonzaga

Completando agora 22 anos, o Clube do Choro comemora a data homenageando Chiquinha Gonzaga.

Todos os anos, desde que o clube foi reaberto, depois da reforma, um artista do choro é homenageado na casa. O primeiro da lista foi Pixinguinha. No ano seguinte, foi a vez de Jacob do Bandolim e, logo depois, de Waldir Azevedo. Este ano, a casa abre suas portas para uma dama, Chiquinha Gonzaga, que será interpretada por Leandro Braga, Armando Macedo e Altamiro Carrilho, entre outros.

Com o patrocínio do Banco do Brasil e dos Correios, o Clube do Choro montou uma exposição nas paredes da casa, com fotos e fatos sobre a vida da artista, além de trazer selos com a estampa de várias celebridades do choro.

Chiquinha Gonzaga nasceu em Freguesia de Santana, no Rio de Janeiro, em 1847. Filha de um tenente com uma mestiça, foi educada para se tornar uma digna sinhozinha na corte de D. Pedro II. Aprendeu a ler, escrever, fazer contas e tocar piano. Apaixonada pelo instrumento, compôs sua primeira

música aos 11 anos.

O encontro de Chiquinha com o choro veio com a separação do marido, com quem se casou obrigada pela família. Sem ter para onde ir, e com o terceiro filho, João Gualberto, ainda no colo, foi recebida pelo meio musical carioca.

Passou a frequentar festas e reuniões de chorões, compondo várias músicas, ganhando fama e introduzindo a música popular nos salões. Para garantir seu sustento, dava aulas de piano. Os clássicos, é claro, ficaram boquiabertos com a mocinha que largou tudo e se entregou à boemia.

Em 1889 regeu O Guarani, do compositor Carlos Gomes, e em 1903 iniciou a luta pela defesa dos direitos autorais dos artistas, fatos mais marcantes de sua carreira.

Hoje, apesar do bombardeio na mídia da dança "da bundinha", "da garrafa" e "do tcham", Chiquinha Gonzaga prova que o chorinho está mais vivo do que nunca. Pelo menos no Clube do Choro de Brasília.

É uma conquista dos chorões em nome da perpetuação das raízes da boa música popular brasileira.